

AGDA THEISEN

# O PLANO

PENALUX, 2020



Deixou o hotel tão rápido quanto permitia sua mente entorpecida pelo álcool. Caminhava com cuidado, olhos fixos no chão e, pelo sim e pelo não, a um braço de distância da parede mais próxima.

— Puta que pariu — praguejou quando o corpo do outro o derrubou no chão.

Com algum esforço conseguiu se livrar do mendigo inerte e ficar em pé. O fedor do homem irritava o olfato.

Teve o ímpeto de chutar o desgraçado, mas a percepção do sangue que lhe manchava as mãos e a camisa fez seu cérebro, lento pela bebida, reagir.

Mais lúcido, abaixou-se e viu que o homem ainda respirava, embora o pulso estivesse muito fraco. Não teve coragem de examinar a origem de todo aquele sangue. Seu instinto gritava para que saísse dali o mais rápido possível.

Respirou fundo, fechou o casaco para ocultar a mancha de sangue, limpou as mãos nas roupas do indigente e preparou-se para deixá-lo entregue à própria sorte. Um último olhar no moribundo, entretanto, o reteve. A luz do poste iluminava o rosto cadavérico, a despeito do movimento do tórax evidenciar a respiração renitente. Uma centelha de altruísmo o fez sacar o celular e discar 190. Relatou à polícia o que encontrara e pediu que arrumassem uma ambulância. Omitiu tratar-se de um mendigo, pois duvidava que atendessem se soubessem que era um vagabundo de rua.

Sacudiu a cabeça, satisfeito. Fizera o que estava ao seu alcance...

— Será? — sussurrou uma voz dentro da sua cabeça — Porra, eu ainda estou muito bêbado — sacudiu veementemente a cabeça.

Porém, a voz insistia e o impedia de seguir andando. Olhou o sujeito no chão e apertou os olhos para focá-lo melhor. A palidez da face parecia ter aumentado e os movimentos respiratórios estavam quase imperceptíveis.

— Ele não vai aguentar esperar...

Com má vontade, abaixou-se, tentando ignorar a náusea causada pela mistura dos cheiros de sangue, suor e excrementos, e ergueu a camisa do homem.

A hemorragia provinha de uma incisão na lateral do abdômen, abaixo da linha das costelas. Aos pontos desfeitos, ele torceu o nariz; fizera suturas bem melhores do que aquela quando treinava na faculdade.

Rasgou um pedaço da própria roupa, dobrou como uma compressa e pressionou sobre a ferida aberta. Depois, retirou um trapo que o mendigo trazia amarrado feito turbante e enrolou em torno do corpo dele, prendendo a compressa improvisada firmemente. Ignorou a imundice da tira de pano, infecção era o menor dos problemas dele, pensou. Ajeitou as roupas do mendigo, tentando mantê-lo mais aquecido e pôs alguns pedaços de papelão encontrados por ali para proteger-lhe a cabeça raspada da rudeza do chão. Pronto. Agora não tinha mais coisa alguma para fazer por ele. Levantou-se, arrumou-se como pôde e espreitou o começo da rua para ver se a ambulância dava sinal de vida. Nada.

Na esquina adiante, três prostitutas conversavam displicentemente em frente à porta do Hotel D'Ouro. Sob a luz fraca do letreiro, Zeca analisou as mulheres envoltas na fumaça dos cigarros e tentou identificar com qual delas estivera. Não teve certeza.

Parecendo saber que eram observadas, elas se voltaram para ele, ignorando o homem caído no chão, coisa nada incomum por ali. Depois, perderam

o interesse e retomaram o assunto de que tratavam. Ele as examinou mais um pouco... Fora com a dos sapatos vermelhos — lembrou.

Ironicamente o adereço o impressionara mais do que o rosto, mais do que a transa. Aliás, dessa nem lembrava. Será que, na bebedeira, a mulher o enganara? Não, não, ponderou, seu corpo saciado dizia-lhe que não.

Voltou-se para o moribundo. Os lábios do sujeito se moviam num sussurro.

Abaixou-se, aproximando o ouvido do rosto do infeliz. Pareceu entender:

— Fio, líbero, foge, irh.

Um gemido rouco substituiu a voz.

— Fale outra vez, quem é você?

— Coca, fio, líbero, foge, ir...h.

O homem voltou à inconsciência. Podia ser mesmo que aquelas fossem suas últimas palavras.

Ouviu um som de sirene. Ocultou-se na sombra do prédio da esquina, colando-se atrás de uma pilastra.

Era mesmo a ambulância. Dois homens desceram do carro, balançaram negativamente a cabeça e um deles chegou a cutucar com o pé o mendigo caído, como se fosse um saco sem vida. Depois, retiraram a maca do veículo, jogaram o ferido em cima sem qualquer tipo de cuidado e partiram sem muita pressa.

Zeca caminhou lentamente até a Praça da República. Os neons piscando ao longo do percurso convidavam para nova rodada de bebida, mas a roupa suja de sangue mal ocultado sob o casaco o afastou da ideia. Se fosse abordado por um policial, dificilmente o convenceria de que fora apenas um bom samaritano.



— Zeca, meu filho, você está bem? Zeca, acorda!

Conseguiu abrir os olhos com dificuldade, tudo parecia girar. Um suor frio sobreveio quando ele tentou se sentar, obrigando-o a se recostar e fechar os olhos novamente. Passaram-se ainda alguns minutos até que conseguisse dominar o mal-estar e percebesse o olhar assustado da mulher:

— Por que essa aflição?! O que aconteceu?

— Eu é que pergunto! Encontrei sua camisa rasgada e toda suja de sangue, você dormindo até uma hora dessas e gemendo...

— Eu estava tendo um pesadelo. Que horas são?

— Passa das onze.

— Droga! Meu pai... — tentou se levantar.

— Está ótimo, não se preocupe — tranquilizou-o, empurrando-o de volta à cama com delicadeza.

O rapaz mudou de posição na cama, oferecendo um espaço para que ela se sentasse ali. Relatou o que acontecera na madrugada anterior e contou sobre o pesadelo, em que o assombrava a figura do moribundo.

Dirá balançava afirmativamente a cabeça. Zeca sabia que ela devia estar atribuindo um sentido místico ao seu sonho, coisa que gostava de fazer, mas esperava que o poupasse das suas interpretações.

A velha mulher levantou-se e, como se ouvisse seus pensamentos, apenas disse:

— Muito bem.

Altiva, porte nobre, a despeito da condição humilde de empregada doméstica que sempre fora, ela ainda emendou antes de sair do quarto:

— Está na hora de acordar para vida, Zeca.

— Já estou me levantando, minha deusa de ébano — provocou, fingindo não entender o sentido mais profundo que ela tentava dar às palavras.

— Se eu fosse deusa de alguma coisa, já tinha dado um jeito em você!

Ele se aprontou e foi ver o pai. Encontrou-o recebendo o almoço que Dirá carinhosamente oferecia. Afagou o homem velho, disse-lhe alguma coisa ao ouvido e recebeu de volta o olhar vago de incompreensão a que já se acostumara.



agdatheisen.com.br  
agdatheisen@hotmail.com

## PORQUE LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Sabon LT Pro para a Editora Penalux, e impresso em papel off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em maio de 2020.

---